



Doi: 10.17058/barbaroi.v1i64.19624

EDITORIAL

Apresentamos o número 64 (Edição 2023/2) da Revista BARBARÓI, vinculada ao Departamento de Ciências, Humanidades e Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). A Revista BARBARÓI constitui um espaço editorial das Ciências Humanas e Sociais, das Ciências da Saúde e da Filosofia. Tem compromissos com a reflexão teórica e atualizada de temas de interesse que se cruzam nas áreas da Filosofia, da Psicologia, da Enfermagem, do Serviço Social, da Antropologia, da Sociologia, da Ciência Política, do Planejamento Urbano, da Demografia e do Desenvolvimento Regional. Nesse sentido, a BARBARÓI promove o debate interdisciplinar, com intuito de contribuir para o desenvolvimento dos saberes, publicando resultados de pesquisas, ensaios, revisões bibliográficas, relatos de experiências, nas áreas de conhecimento indicadas.

Nesta sexagésima terceira edição, pesquisadores de diferentes áreas de saber colaboram com a BARBARÓI. São dez artigos que apresentam análises e reflexões de autores/as vinculados/as às áreas da educação, da psicologia, do serviço social, da sociologia, das artes, do planejamento urbano e regional, da gestão do conhecimento. Nos artigos, os leitores encontrarão reflexões de interesse acadêmico e de relevância para ampliar a compreensão de diferentes problemas sociais que estão presentes na sociedade brasileira.

Lais Vargas Ramm, Andressa Silveira da Silva e Cleci Maraschin, com o texto *A experiência do distanciamento social: entre presenças, ausências e sentidos*, abrem o número. As autoras discutem as transformações que a experiência de distanciamento social, em decorrência da pandemia do Covid-19, tem operado nas formas de produção compartilhada de sentidos. Avançam na discussão sobre a experiência corporal de ausências, destacando a solidão no aspecto que compreendem como ausência de produção compartilhada de sentidos. Como resposta à ausência do outro, destacam, as interações

por internet ganharam relevância. Discutem, assim, as presenças mediadas tecnologicamente, dando ênfase ao papel das redes sociais no cotidiano, às formas de produzir sentidos participativamente neste contexto, atenuando as emoções de ausência, mas por outro lado intensificando sofrimentos específicos gerados por esse modo de se relacionar e produzir subjetividade. Concluem destacando a diversidade de formas de experienciar os efeitos da pandemia, inclusive ressaltando que não apenas as ausências provocaram sofrimento neste período, mas também algumas presenças, causando sobrecarga pelas demandas de cuidado.

Em *Idosos catarinenses e a experiência da “quarentena”*: um estudo de representações sociais, **Ana Maria Justo, Alice de Carvalho Ferreira e Guilherme Henrique Koerich** analisam as representações sociais relativas ao distanciamento social, como medida de prevenção a COVID-19 para as pessoas idosas no estado de Santa Catarina. Resultado de uma pesquisa realizada pelos autores, no texto os autores indicam uma predominância da dimensão atitudinal das representações sociais, com destaque para as atitudes negativas, revelando que a atribuição de sentido a este novo fenômeno envolveu afeto e tomada de posicionamento. Ao final, constatam que os processos de objetivação e, principalmente, de ancoragem revelaram diferenças de gênero.

Lirian Simões Krupek e Paula Marques da Silva, em *Pandemia e velhices: práticas de saúde e produções de conhecimento*, mapeiam a produção científica, nas bases de dados Scielo, Lilacs e Pepsic, bem como em instituições de saúde, que articulam envelhecimento e Covid-19, no âmbito das políticas públicas de saúde da pessoa idosa. A partir desse mapeamento, as autoras identificaram a presença da articulação entre existências e determinantes sociais de saúde e marcadores sociais em muitos trabalhos, porém observamos essa lacuna em outros. Com o trabalho, as autoras pretendem contribuir para a assistência à população velha com protocolos, diretrizes e possibilidades, propondo a prática profissional atrelada às políticas públicas de saúde.

Em *Enfrentamento do luto pela teoria motivacional do Coping: pandemia Covid-19* **Caroline Souza Almeida, Suélen Aparecida da Silva, Wellin Ketlyn Duarte Pino Freitas e Andressa Melina Becker da Silva** analisam o *coping*, ou seja, o processo de enfrentamento diante do estressor (morte) durante a construção do luto vivenciado no contexto da pandemia da Covid-19. A pesquisa realizada pelas autoras constatou que a maioria dos participantes utiliza *coping* mal adaptativo, sendo desamparo, fuga e isolamento as famílias de *coping* mais usadas. Mulheres, pessoas mais velhas, com maior

escolaridade e melhores condições socioeconômicas apresentam *coping* mais adaptativo. O luto simbólico pela perda da saúde, emprego e estudos no período da pandemia esteve mais associado ao *coping* mal adaptativo.

Karina Faustino de Carvalho Tetéo, Edla Hoffmann e Maureen de Oliveira Azevedo Bezerra, em *Quando a maternidade chega mais cedo: cenários e implicações na efetivação dos direitos sociais*, apresentam dados de uma pesquisa que foi realizada com o objetivo de analisar os fatores subjacentes da gravidez precoce em mães de recém-nascidos(as), internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal e na Unidade de Cuidados Intermediários Canguru da Maternidade Escola Januário Cicco, em Natal, Rio Grande do Norte. As autoras partem do pressuposto de que esses fatores se agregam ao contexto de vida das adolescentes e influenciam diretamente em suas trajetórias e na gestação precoce. E os resultados apresentados evidenciam que o contexto de vida social, econômico, cultural e familiar de cada adolescente apresenta diversos fatores que influenciam nos significados da gravidez na adolescência e violam a garantia do exercício de direitos como liberdade, saúde, educação, trabalho e cultura.

No artigo *Análise da depressão a partir do sofrimento ético-político*, de **Camila Cavaler, Ana Karolina Fernandes dos Santos e Paola Rodegheri Galeli** analisam como o sofrimento ético-político atravessa o diagnóstico de depressão de mulheres que participaram de um grupo realizado em um CAPS no Sul de Santa Catarina. Considerando cinco categorias – “sofrimento social e diagnóstico”, “fragilidade da rede de apoio”, “casamento”, “violências” e “luto”, os resultados da investigação realizada evidenciam como o sofrimento ético-político foi constitutivo da experiência de vida das participantes, e que seus efeitos contribuem para a culminação de um quadro depressivo.

Fernanda Spanier Amador e Veronica Dalla Costa Flores, em *Criando aberturas em regime fechado: percursos por entre o trabalho como atividade no âmbito da socioeducação*, apresentam uma pesquisa na qual problematizaram a expansão do poder de agir de agentes socioeducadores, em meios às tensões educar/punir/vigiar características do exercício neste campo de atuação. A partir dos resultados da pesquisa, as autoras exploram peculiaridades da dinâmica expansão-constrangimento do poder de agir no trabalho da Socioeducação, discutindo que cuidar da saúde pelo cuidado do ofício abre perspectivas para a instauração de relações éticas na expansão do poder de agir no trabalho socioeducativo.

Em *Educação escolar no Paraguai: análise da atuação de professores homens com pessoas com deficiência*, **Josiane Peres Gonçalves** e **Matheus Kashiyama Pessoa analisam** como é a educação especial paraguaia e qual a visão da comunidade escolar de Salto Del Guairá – PY acerca da atuação de professores homens com crianças com deficiência. O artigo é resultado de uma pesquisa, que evidenciou que a Educação Especial paraguaia tem uma proposta que prevê o atendimento a pessoas com deficiência, mas na prática acaba não se concretizando, devido à falta de infraestrutura. Segundo os autores, a cultura paraguaia reproduz alguns padrões sociais de gênero e, desse modo, se percebe receios dos familiares quanto à atuação de docentes masculinos com crianças com deficiência.

Juliano Gadelha, no artigo *A sociedade espectral: fantasmagorias e imaginação política na sociologia de Avery F. Gordon*, especula como lidar com as fantasmagorias da modernidade, a partir das obras sociológicas de Avery F. Gordon sobre os modos de governança, expandindo a compreensão sobre o poder espectral da sociedade em suas dimensões de fetichismo, utopia e mudança/mobilidade em uma aposta na imaginação política. Segundo o autor, trata-se de uma aposta para a elaboração de uma sociologia comprometida com as mudanças das suas logísticas de reprodutibilidade das metafísicas e pós-metafísicas, responsáveis diretas pela manutenção do mundo tal como o conhecemos, tomando o caráter imaginativo como uma praxiologia do despertar.

Por fim, no artigo *Arte como resistência: um estudo da apropriação social do espaço por meio do graffiti*, **Valeria Regina Zanetti**, **Frederico Papali** e **Paula Vilhena Carnevale Vianna** analisam, por meio do aporte teórico do planejamento insurgente e das geonarrativas urbanas, a produção social do espaço e as tensões entre as diferentes versões sobre o direito à cidade, a partir do estudo de três mutirões de *graffiti* na cidade de São José dos Campos, nos anos de 2007 a 2011, quando a prática era proibida. Valendo-se da experiência etnográfica e netnográfica, os autores evidenciam formas de manifestação do direito à cidade e manifestações alternativas de cidadania através do graffiti.

Ao final deste Editorial, agradecemos a todos autores e todas autoras pela contribuição à Revista BARBARÓI, bem como aos pareceristas e às pareceristas que, sempre de forma generosa, dedicaram tempo em seus trabalhos para a leitura e a avaliação dos artigos. Muito obrigado a todos e a todas.

Aproveitamos para informar que, com esse número, voltamos à atualização das publicações da BARBARÓI. Estaremos trabalhando nos próximos meses na publicação

dos dois números referentes ao ano de 2024 e faremos uma chamada para um Dossiê, com a temática **Crise Climática e Desafios ao Desenvolvimento**, a ser publicado nos primeiros meses de 2025. Convidamos todos e todas interessados/as, para que participem da construção desse Dossiê com artigos, ensaios, relatos de experiências.

Mantemos nosso empenho e nosso trabalho para que a BARBARÓI se qualifique cada vez mais, sempre motivados pela preocupação em mantê-la enquanto um espaço/tempo de incentivo à reflexão e ao debate sobre temas de interesse do grande campo das ciências sociais e humanas. Nosso interesse maior, nesse sentido, é que a BARBARÓI resista e que nunca lhe falte defensores, para que possamos ter, a partir de uma Universidade Comunitária, localizada no interior do Rio Grande do Sul, esse importante espaço de socialização de conhecimentos.

Muito obrigado a todos e a todas e uma boa leitura.

César Hamilton Goés e Marco André Cadoná

Editores deste número da BARBARÓI